

## A HISTÓRIA DA MEDICINA NA FORMAÇÃO HUMANÍSTICA DO MÉDICO

Wilberto Silva Trigueiro

Acadêmico Titular da APMED – Cadeira nº 37

### INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da organização social, a Medicina acompanha a evolução da humanidade, surgindo da necessidade de aliviar o sofrimento, compreender o adoecimento e enfrentar o mistério da morte. Antes de se consolidar como ciência, manifestou-se em rituais, práticas empíricas e saberes transmitidos entre gerações, refletindo crenças e visões de mundo que moldaram a arte de curar. O conhecimento médico não nasceu pronto: foi construído ao longo do tempo por meio de observação, análise e pesquisa, deixando marcas de cada civilização que influenciam até hoje a prática contemporânea. Compreender essa evolução permite entender como a Medicina alcançou o alto nível de complexidade científica atual.

A disciplina História da Medicina, geralmente ensinada nos primeiros períodos do curso, muitas vezes é pouco valorizada pelos estudantes, embora seja essencial para compreender avanços diagnósticos e terapêuticos, bem como dilemas éticos, sociais e culturais que moldaram a prática médica. Mesmo após a graduação, conhecer a evolução da Medicina — e da especialidade escolhida — é dever ético e profissional, pois permite contextualizar técnicas, descobertas e princípios, valorizar o saber coletivo e atuar com empatia e responsabilidade. O canadense William Osler (1849–1919), um dos pais da medicina moderna (foto), defendia a integração entre ciência, história e humanismo, afirmando que “a medicina é uma ciência de incertezas e uma arte de probabilidades”.

O presente artigo analisa, de modo sintético, os principais marcos da medicina ao longo dos séculos e sua interseção com outras áreas do conhecimento, à luz dos preceitos hipocráticos.

Figura 1: William Osler



(Fonte: Blog da Comissão de Humanidades Médicas do CFM )

## Origens da Medicina

As primeiras práticas médicas surgiram em sociedades pré-históricas, muito antes da invenção da escrita, quando o cuidado com a saúde era exercido por xamãs ou curandeiros, que acumulavam funções religiosas, sociais e terapêuticas. A doença era frequentemente interpretada como resultado de forças sobrenaturais, e os tratamentos envolviam rituais e substâncias naturais. Evidências arqueológicas, como trepanações cranianas, realizadas há cerca de 7.000 anos no atual Peru e em regiões da Europa, tinham finalidades terapêuticas ou espirituais. A circuncisão, citada em textos egípcios por volta de 2.300 a.C., possuía valor religioso e higiênico. Registros de cirurgia de catarata, por punção do cristalino, conhecida como couching, aparecem na Índia em torno de 600 a.C. Na Mesopotâmia, a saúde era vista como manifestação da vontade divina, embora o Código de Hamurabi (c. 1750 a.C.) já estabelecesse normas éticas e jurídicas para a prática médica.

A Grécia Antiga representa um marco decisivo, pois nela ocorre a transição do pensamento mágico-religioso para uma abordagem racional e filosófica do corpo humano e das doenças. Surge, então, Hipócrates de Cós (460–370 a.C.), amplamente considerado o “pai da

Medicina”, que consolidou a Medicina como saber autônomo, baseado na observação, na experiência clínica e na busca de causas naturais das enfermidades. Sua obra estabeleceu normas éticas que influenciam a Medicina até hoje. Roma consolidou o saber médico com Galeno (129–216 d.C.), cujas teorias prevaleceram por mais de mil anos.

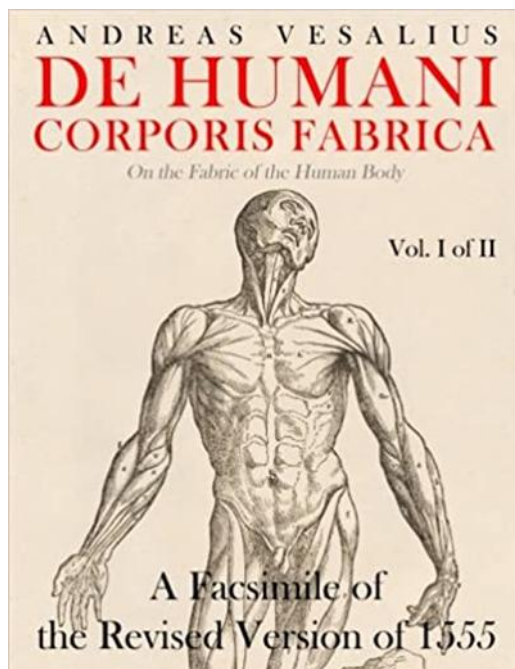
### **Primeiras Faculdades**

O surgimento das escolas médicas de Salerno (séc. XI), Montpellier e Bolonha (séc. XIII) marcou um passo fundamental para a educação médica formal. No Brasil, o ensino médico teve início em 1808, com a fundação da Escola de Cirurgia da Bahia e da Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro, criadas por D. João VI.

### **Renascimento e Anatomia Moderna**

O Renascimento, que floresceu na Europa entre os séculos XIV e XVI, trouxe uma profunda transformação na forma de pensar sobre o ser humano e a natureza. Andreas Vesalius (1514–1564), médico belga e professor da Universidade de Pádua, é reconhecido como o pai da anatomia moderna por realizar dissecações sistemáticas em cadáveres humanos e confrontar os ensinamentos de Galeno, baseados em animais. Sua obra monumental, *De Humani Corporis Fabrica* (1543), ricamente ilustrada (imagem abaixo), forneceu uma descrição realista do corpo humano, representando um marco na história da Medicina. Posteriormente, o médico inglês William Harvey (1578–1657) descreveu a circulação sanguínea, consolidando o método experimental e a pesquisa científica.

Figura 2: Livro de anatomia de Andreas Vesalius



Fonte: Academia Mineira de Medicina.

## Século XIX: O Século dos Cirurgiões

O final do século XVIII trouxe a primeira vacina contra a varíola, criada por Edward Jenner (1796), inaugurando a imunização científica. O século XIX foi decisivo para a cirurgia: a anestesia (1846), introduzida por William Morton, permitiu intervenções sem sofrimento extremo, enquanto Pasteur e Joseph Lister consolidaram a teoria microbiana e os métodos antissépticos. Ignaz Semmelweis demonstrou a importância da higiene das mãos pelos médicos, e o uso de luvas cirúrgicas tornou-se rotina. Nesse período, William Halsted instituiu a residência médica (1889) na Universidade Johns Hopkins, modelo pioneiro de treinamento avançado que integrava prática e teoria, posteriormente adaptado por William Osler para a clínica médica.

O historiador Jürgen Thorwald, em “O Século dos Cirurgiões”, narra a coragem dos médicos desse período, destacando como ciência, ousadia e humanismo transformaram a cirurgia em um pilar da medicina moderna.

## Século XX: Ciência, Tecnologia e Epidemias

O século XX assistiu a um crescimento exponencial do conhecimento médico. Em 1921, Frederick Banting e Charles Best (Figura 3) isolaram a insulina, salvando pacientes com diabetes, e em 1928 Alexander Fleming descobriu a penicilina, abrindo caminho para os antibióticos. Surgiram avanços em imagiologia: ultrassonografia, tomografia computadorizada, ressonância magnética e medicina nuclear, com destaque para o PET Scan, que revolucionou a oncologia ao permitir detecção precoce, monitoramento terapêutico e desenvolvimento de novas drogas antineoplásicas.

Em 1954, Joseph Murray e John Merrill realizaram o primeiro transplante renal entre irmãos gêmeos idênticos nos EUA, evitando rejeição imunológica. Os primeiros transplantes cardíacos ocorreram com Christiaan Barnard (1967, África do Sul) e, no Brasil, em 1968, com Euryclides de Jesus Zerbini (foto). Procedimentos intervencionistas, como cateterismo, angioplastia e implante de stents vasculares, transformaram a cardiologia, enquanto as próteses articulares, valvares e implantes biomédicos melhoraram a qualidade de vida. A cirurgia videolaparoscópica, iniciada no final da década de 1980, introduziu procedimentos minimamente invasivos, reduzindo dor e tempo de hospitalização.

Figura 3: Dr Banting e Best com o primeiro cão tratado com insulina



(Fonte: UMass Chan Medical School)

Figura 4: Euryclides de Jesus Zerbini



(Fonte: Academia Paulista de Medicina)

A clonagem da ovelha Dolly (1996) suscitou debates éticos, enquanto epidemias marcaram o século: gripe espanhola (1918–1920), poliomielite (vacina em 1955), varíola (erradicada em 1980) e HIV (identificado em 1981). A Bioética, termo criado por Van Rensselaer Potter em 1970, surgiu para integrar ciência e valores humanos, reafirmando que o progresso médico deve sempre respeitar a dignidade e a vida.

### **Século XXI: Novas Fronteiras e Desafios**

Avanços genômicos, imunobiológicos, cirurgia robótica, inteligência artificial e telemedicina transformaram diagnóstico, tratamento e acesso à saúde. Sistemas de IA auxiliam na interpretação de imagens, planejamento cirúrgico e terapias personalizadas. A conclusão do Projeto Genoma Humano (2003) mapeou a sequência completa do DNA humano, abrindo perspectivas para a medicina personalizada e o desenvolvimento de terapias específicas. A pandemia de COVID-19 (2019–2022), uma das maiores crises sanitárias globais recentes, evidenciou tanto a capacidade científica quanto a vulnerabilidade humana, reforçando a importância de empatia, ética e humanização, lembrando que o cuidado médico envolve o ser humano em sua totalidade.

## Conclusão

A evolução da Medicina reflete um progresso constante na busca pelo conhecimento voltado à preservação da vida. Compreender essa trajetória é fundamental para que os médicos atuem de forma crítica, ética e solidária. O avanço científico atinge seu verdadeiro propósito quando promove a equidade e respeita a dignidade humana — pilares essenciais de uma Medicina comprometida com o atendimento à sociedade. Ao revisitar a história, reafirma-se que, além dos avanços técnicos e científicos, a prática médica deve ser guiada por princípios de humanidade, justiça social e responsabilidade ética, para que o conhecimento sirva de fato ao bem comum.

## Referências

- CASTRO, F. R.; REMPEL, C. Medicina: uma história. Lajeado: Univates, 2022.
- FOUCAULT, M. O nascimento da clínica. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- LIMA, D. História da medicina. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. P. Problemas atuais de bioética. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- PORTER, R. História ilustrada da medicina. São Paulo: Revinter, 2001.
- SANTOS FILHO, L. História geral da medicina brasileira. São Paulo: Hucitec, 2004.
- TEIXEIRA, L. A.; EDLER, F. C. História e cultura da medicina no Brasil. São Paulo: Aori Produções Culturais, 2012.
- THORWALD, J. O século dos cirurgiões. Trad. Maria da Glória de Miranda. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.